



## ARTIGO

**QUALIDADE DE VIDA E CONDIÇÕES DE TRABALHO DE FEIRANTES**  
*LIFE QUALITY AND WORK CONDITION OF STREET VENDORS*JAKELINE DE JESUS CARVALHO<sup>1</sup>; MARIA GERALDA GOMES AGUIAR<sup>2</sup>

1 - Enfermeira graduada pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil

2 - Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil

**RESUMO**

Os trabalhadores feirantes desenvolvem suas atividades em condições de trabalho que os tornam vulneráveis a impactos sociais, econômicos, psicológicos e físicos inerentes à atividade informal que desempenham. O estudo objetivou descrever fatores relacionados ao trabalho que contribuem para a qualidade de vida de feirantes que atuam na feira livre da Cidade Nova em Feira de Santana – BA. Realizou-se estudo qualitativo, exploratório, com 11 feirantes, mediante entrevista semiestruturada. O *corpus* foi submetido à análise de conteúdo. Evidenciou-se que fatores ambientais como condições inadequadas de higiene e poluição sonora contribuem na qualidade de vida e interferem no processo saúde-doença. A falta de tempo para o lazer devido à carga horária extensa e os baixos rendimentos são motivos de insatisfação no trabalho. A satisfação no trabalho é atrelada à autonomia que a atividade laboral proporciona; a insatisfação está relacionada às suas precárias condições. As condições de trabalho influem na percepção da qualidade de vida, configurando-se como fatores contribuintes no processo saúde-doença.

**Palavras-chave:** Condições de trabalho; Qualidade de vida; Saúde; Setor informal.

**ABSTRACT**

The street vendors develop their activities under working conditions that make them vulnerable to the social, economic, psychological and physical impacts inherent to their informal activity. The study aimed to describe factors related to work that contribute to the life quality of street vendors who work in a free market of Cidade Nova in Feira de Santana, BA. This is a qualitative exploratory study, with 11 street vendors. The structured interview and the content analysis were used. The results evidenced that environmental factors such as inadequate hygiene and noise pollution contribute to the life quality and interfere in the health-disease process. Lack of time for leisure due to extensive workload and low incomes are reasons for job dissatisfaction. The job satisfaction is linked to the autonomy that the work activity provides; dissatisfaction is related to their precarious conditions. The working conditions influence the perception of the life quality, being configured as contributing factors in the health-disease process.

**Keywords:** Working conditions; Quality of life; Health; Informal sector.

**INTRODUÇÃO**

O trabalho constitui um fenômeno social intrínseco à vida humana, adotando significados contraditórios, como expressão de vida e degradação, criação e infelicidade, atividade vital e escravidão, felicidade social e servidão<sup>1</sup>. Assim, é uma referência fundamental para o indivíduo, ao permitir sua interação com a sociedade, uma vez que ocupa lugar central em sua vida, haja vista que organiza suas demandas, horários, relacionamentos, enfim, o cotidiano. Exerce, portanto, função central na vida social, sendo imprescindível para a reprodução

da sociedade. No fim do século XX e início do século XXI, concomitante com o desenvolvimento do capitalismo globalizado surgem novos cenários do mundo do trabalho, sobretudo com a emergência da Terceira Revolução Industrial<sup>2</sup>. O processo de globalização implicou em mudanças na produção e organização do trabalho, político-ideológicas, assim como na composição e dinâmica da classe trabalhadora<sup>3</sup>. Em consequência, os trabalhadores são submetidos a processos de trabalho fragmentados, heterogêneos e complexos, resultando no aumento da precarização do trabalho, do desemprego e busca por atividades informais<sup>4</sup>.



O trabalho informal se configura como uma alternativa para o desemprego, cujas características incluem: condições precárias, vulnerabilidade à saúde e à segurança, baixos níveis de exigências no que tange à qualificação e à produtividade, rendimentos baixos e irregulares, extensas jornadas, falta de acesso à informação e à tecnologia, trabalhadores não contemplados pela legislação vigente<sup>1-5</sup>.

Existem modalidades diversas de inserção dos indivíduos no setor informal, como assalariados sem registro, trabalhadores autônomos ou por conta própria e trabalhadores informais tradicionais<sup>6</sup>. As feiras livres constituem um espaço no qual muitos indivíduos, devido ao crescente desemprego, às maiores exigências do mercado de trabalho formal e à idade avançada, buscam na atividade de feirante uma alternativa de obtenção de renda, sustento familiar, autonomia, bem como de reinserção social<sup>7</sup>.

A atividade de feirante teve origem no século IX na Europa, nos mercados locais organizados com a finalidade de suprir a população com produtos de primeira necessidade<sup>8</sup>. Em sua gênese, a busca pela atividade de feirante consistia em legado familiar, que, no século XXI, passou a acontecer como alternativa ao desemprego, e como forma de complementação da renda familiar. Em que pese sua importância socioeconômica e cultural, as feiras livres, em geral, apresentam problemas relativos a saneamento deficiente, falta de estrutura física adequada, no que se refere à dimensão espacial e equipamentos de uso coletivo, comercialização de produtos não permitidos, falta de segurança, entre outros<sup>9</sup>.

Ademais, apresenta como agravantes condições típicas do trabalho informal: extensas horas de trabalho, acúmulo de tarefas, exposição a condições ambientais adversas, tempo reduzido ou ausência para o lazer, etc.<sup>10,11</sup>, as quais podem afetar direta/indiretamente o trabalho dos feirantes, e, conseqüentemente, sua qualidade de vida (QV).

A QV é uma noção que vem sendo aproximada ao grau de satisfação em todos os aspectos da vida (amoroso, familiar, social, ambiental e à própria estética existencial) abrangendo múltiplos significados e dimensões, relacionados, individual e coletivamente, a variadas épocas, histórias e espaços, sendo, assim, construída socialmente<sup>12</sup>. Foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a “[...] percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações [...]”<sup>13:1.403</sup>.

O estudo enfoca os fatores relacionados ao trabalho e sua contribuição para a qualidade de vida de feirantes que atuam na feira livre da Cidade Nova em Feira de Santana, BA, por entender as condições de trabalho tornam os feirantes vulneráveis a impactos físicos, psicológicos, econômicos e sociais, podendo constituir riscos à saúde<sup>10,11</sup>.

O objetivo do estudo consiste em descrever os fatores relacionados ao trabalho que contribuem para a QV dos feirantes.

## METODOLOGIA

Estudo exploratório, de abordagem qualitativa, cujo campo empírico foi a feira livre da Cidade Nova em Feira de Santana, BA, caracterizada como um território no qual os feirantes realizam suas atividades laborais. Tal feira comercializa gêneros alimentícios diversos, funciona todos os dias da semana e apresenta problemas ambientais relativos à coleta de lixo.

Participaram do estudo feirantes que atenderam os seguintes critérios de inclusão: estar comercializando seus produtos em um box ou barraca; ter idade a partir de 18 anos e o tempo mínimo de seis meses de atuação na feira.

Utilizou-se o WHOQOL-bref, instrumento específico para avaliação da QV, desenvolvido por grupo de estudiosos da OMS no projeto maior “Qualidade de vida e trabalho: percepção de feirantes de Feira de Santana – BA”. Neste estudo foram utilizadas características individuais (sexo) e laborais (tipo de comercialização, presença de funcionário) e uma pergunta norteadora para diálogo com o feirante “o que é qualidade de vida para o(a) senhor(a)?”, que possibilitou a obtenção de dados relevantes para a identificação de fatores relativos às condições de trabalho e a QV.

Recorreu-se à técnica de análise de conteúdo para o ordenamento, tratamento e interpretação dos dados, que compreendeu três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e elaboração de inferências acerca dos significados que os participantes atribuem à QV e a relação desta com as condições de trabalho.

A pesquisa foi aprovada pelo CEP/UEFS (Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Feira de Santana) sob o CAAE nº 11504712.2.0000.0053, mediante parecer nº Parecer nº 194.749 e iniciada somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelos trabalhadores feirantes.

## RESULTADOS

Participaram do estudo 11 feirantes que atuam na feira livre do bairro Cidade Nova em Feira de Santana – BA, dos quais seis foram mulheres e cinco homens. Desses, sete comercializam seus produtos em boxes e quatro em barracas de madeira. Dos feirantes que trabalham em boxes, três possuem um “funcionário” (familiar), enquanto que montam suas barracas trabalham sozinhos.

### Condições de trabalho e qualidade de vida do feirante

Ao serem investigados aspectos como ambiente, renda obtida, lazer, satisfação com o sono e capacidade laboral, obteve-se relatos que evidenciam as condições de trabalho existentes como precárias, potencialmente capazes de afetar a QV e saúde dos feirantes.

O ambiente da feira livre é evidenciado como um componente influente na percepção de QV e na saúde dos

feirantes, os quais enfatizaram aspectos como ruído e condições de higiene inadequadas:

Muito pouco [saudável]. Porque a feira está faltando muita higiene... aqui é muito sujo, muito desorganizado, não tem administração boa, eu acho que isso conta muito..., mas, apesar de tudo eu ainda gosto do meu trabalho, mesmo não sendo um lugar adequando, eu ainda gosto muito (Ent. 03).

Mais ou menos [saudável]. Muito barulho dos feirantes, sujeira [...] a gente não tem banheiro adequando, o banheiro está em péssimas condições... às vezes fico o dia todo sem ir ao banheiro por causa da sujeira... já cheguei a ficar doente por causa desse banheiro (Ent. 05).

Nada [saudável]. Porque a gente não vê nada o povo se conscientizar de poluição [...] aqui é uma poluição sonora terrível (Ent. 08).

Percebe-se que as questões ambientais abarcam fatores inerentes ao trabalho na feira livre (ruído), bem como relativos à gestão da feira livre (condições de higiene inadequadas), condições estas capazes de interferir no processo saúde-doença desses indivíduos.

A despeito de toda a problemática existente na feira em questão, os feirantes relatam ter prazer de trabalhar e gostam do local e da atividade que desempenham.

No que tange a possuir renda suficiente para satisfação das necessidades, notou-se que os ganhos dos feirantes com o comércio de seus produtos suprem apenas as necessidades básicas, e em alguns casos estes ainda precisam da ajuda de familiares:

[...] é de acordo com meu movimento de vendagem... o que eu vendo é pouco, então eu consigo pouco também... (Ent. 02).

Médio. Porque aqui é que nem diz aquele ditado: é dia-a-dia... sempre tem aquela quantiazinha... Então, tenho uma ajuda graças a Deus, tenho os filhos que me ajudam... Na hora que eu quero eles tão prontos para me ajudar, nem precisa eu pedir... nem é pouco e nem muito... dá para levar... (Ent. 06).

Muito pouco. Porque o que fazemos é só mesmo para nos manter no dia-a-dia, aí vem a parte de médico, alimentação... é só para nos manter (Ent. 11).

A renda obtida na feira livre, além de ser reduzida, consiste em um faturamento instável (oscila de acordo com o período de vendagem, o tipo de produto e a disponibilidade de oferta e procura deste), fato que dificulta o planejamento financeiro dos feirantes, tendo por consequência a necessidade do suporte financeiro de familiares.

A falta de tempo e oportunidades para o lazer devido às cargas horárias extensas de trabalho e, em alguns casos, jornada dupla de trabalho, foram as justificativas dadas ao serem questionados sobre oportunidades de lazer. Todavia, nota-se que, apesar da falta de tempo livre, alguns feirantes consideram que as relações afetivas e a convivência com os familiares e o próprio ambiente de trabalho propiciam formas de diversão, lazer, etc.

Nada. O trabalho não deixa. O lazer que eu tenho é a felicidade da minha família [...] eu estou ajeitando isso aí (tempo para o lazer)... Mas, por enquanto, nada! (Ent.04).

Muito pouco. Porque trabalho de domingo a domingo e ainda faço as coisas de casa... (Ent. 05).

Pouca. Porque trabalho sozinha nessa barraca. Não tenho ajuda de ninguém e o divertimento é o meu trabalho (Ent. 10).

De acordo com os relatos, evidencia-se que a feira livre se estabelece como um ambiente de sociabilidade e lazer, onde as relações interpessoais entre os próprios feirantes e desses com os fregueses são de fundamental importância para a realização e manutenção da atividade laboral desempenhada.

No que diz respeito à satisfação com o sono, as respostas abrangeram a satisfação plena e a insatisfação:

Insatisfeita. Porque durmo muito pouco (Ent. 05).

Satisfeita, porque eu durmo bastante (Ent. 06).

Insatisfeito. No trabalho que a gente tem, a gente só anda devendo... aí a preocupação aumenta... aí o sono... (Ent. 10).

Evidencia-se na fala do entrevistado 10 que fatores relacionados às condições de trabalho podem influenciar no sono e repouso.

Os feirantes, ao serem questionados acerca da satisfação com o trabalho, apresentaram relatos nos quais tal sentimento é atrelado ao prazer e a sensação de independência que a atividade laboral propicia, ao tempo em que expressam insatisfação face às exigências que esta impõe.

Satisfeita, porque tenho vontade de trabalhar mesmo (Ent. 01).

Satisfeita, eu gosto do meu trabalho (Ent. 03).

Insatisfeita. Porque não gosto de trabalhar de domingo a domingo... (Ent. 05).

Satisfeita. Porque trabalho para mim... Não tenho que ficar ouvindo desaforo (Ent. 07).

## DISCUSSÃO

Os resultados demonstraram que aspectos relativos à gestão da feira livre (segurança, higiene, condições sanitárias), condições locais (estrutura, organização) e ao próprio trabalho (poluição sonora), contribuem significativamente para o sentimento de insatisfação dos feirantes. Acrescente-se, ainda, a insatisfação com a renda auferida, que reflete a instabilidade dos ganhos, resultante de fatores, como tipo e quantidade de produtos comercializados, problemas relacionados à entressafra e sazonalidade, entre outros; indisponibilidade ou tempo reduzido para o lazer, o que contribui para que a própria feira se destaque como espaço de sociabilidades; sono insatisfatório. Por outro lado, foi ressaltada que a satisfação com o trabalho está atrelada ao prazer e à autonomia proporcionada pela atividade laboral.

A percepção do ambiente da feira livre da Cidade Nova como um local muito pouco ou nada saudável, como referido nos relatos dos feirantes, foi vinculada, principalmente, aos aspectos estruturais, gerenciais e do próprio trabalho realizado na feira livre. A este respeito, considera-se que feiras de países subdesenvolvidos, por serem pouco estruturadas, configuram-se como ambientes de péssima qualidade para o consumo e, principalmente, para o trabalho humano<sup>14</sup>.

Os feirantes também relacionam as condições do ambiente de trabalho a experiências de adoecimento, dando destaque às condições inadequadas de higiene e poluição sonora, associação essa também evidenciada em estudo sobre aspectos socioambientais da feira livre de Bragança, PA. Tal estudo demonstrou que a disposição inadequada de resíduos sólidos, bem como a ausência de coleta seletiva, conjuntamente com outros fatores, contribuem para o agravamento do estado de saúde e perda de QV. No que tange à poluição sonora, salienta-se a repercussão negativa desta, a qual pode alterar reações psíquicas (motivação e disposição), aumentar o nervosismo e a agressividade e afetar a cognição, ao diminuir a capacidade de concentração e aprendizagem<sup>14</sup>.

No aspecto relativo à renda, foi apontada insatisfação associada aos baixos rendimentos e/ou instabilidade desses, tendo em vista que o trabalho informal é caracterizado por precarização, baixa capacidade operacional de produção relativa à mão de obra (individual ou familiar), e falta de capital de giro para investimentos<sup>15</sup>. Somam-se a isto, as alterações econômicas relacionadas à diminuição dos rendimentos nos períodos de entressafra e sazonalidade dos produtos, aspecto que contribui ainda mais para a instabilidade da renda mensal do feirante.

A feira livre encontra-se inserida no “circuito inferior da economia”, devido a sua área de atuação e abrangência restritas, constituindo atividade de baixa rentabilidade, e que reúne condições para gerar uma concentração de pobreza em estado dinâmico recorrente.<sup>5</sup> Apesar disso, a feira configura-se como um local de fundamental importância no cotidiano urbano dos países subdesenvolvidos, à medida que absorve a população “excluída” do chamado “circuito superior” ou “moderno” (bancos, indústrias, entre outros).

Os baixos rendimentos auferidos consistem em fator de impacto na vida dos feirantes, tendo em vista que a feira livre é, na maioria das vezes, a única fonte de renda desses trabalhadores. Desse modo, a família tem papel fundamental, não só no que tange ao aporte afetivo e social, como também financeiro, configurando-se como uma instância promotora de QV e saúde<sup>16</sup>.

A indisponibilidade de tempo para o lazer, conforme expressaram os feirantes, encontra-se associada à sobrecarga de trabalho (jornada dupla/tripla), os quais chegam a trabalhar cerca de 12h/dia. Tal sobrecarga pode impactar na QV desses trabalhadores, visto que, além de reduzir seu tempo de lazer e convívio com familiares, altera as práticas de cuidado de si, e, conseqüentemente, a sua saúde<sup>10</sup>. Em contrapartida, os

feirantes relatam que buscam se adaptar às condições impostas pela atividade laboral, pois consideram a feira livre “seu” ambiente de lazer, onde são estabelecidas relações sociais/afetivas (feirante/feirante, feirante/freguês e feirante/familiar).

O cotidiano da feira livre é caracterizado por uma linguagem peculiar utilizada, a fim de propagandear os produtos, de formas de relações interpessoais marcadas pela informalidade que apontam para uma percepção da atividade laboral, que não se restringe ao trabalho realizado em si, mas, por vezes, toma a forma de divertimento, motivado, por aspectos, como estética, brincadeira, regras e arranjos interacionais e dialógicos<sup>17</sup>. Desse modo, é permeado por complexas interações, adquirindo um significado social além de um local de comércio.

A pouca satisfação com o sono relatada pelos feirantes, encontra-se relacionada às condições de trabalho a que estão submetidos (desde o horário de início de suas atividades ao baixo aporte econômico obtido). A renda insatisfatória, muitas vezes, insuficiente para suprimir as necessidades básicas, aparece como uma condição importante e influente na dimensão psicológica dos participantes, tendo em vista que a “falta de dinheiro para pagar as contas”, dificulta o descanso, essencial para a manutenção da saúde. Supõe-se que exista certa confusão entre a rotina de trabalho e a do lar, uma vez que ocorre uma extensão da atividade laboral para a casa, aumentando a carga horária de trabalho, o que pode repercutir no sono e repouso.

Alterações do ciclo sono-vigília têm resultado em importantes danos à saúde e ao bem-estar, dos quais tem-se: reduções da eficiência do processamento cognitivo, do tempo de reação e responsividade atencional; déficit de memória; aumento da irritabilidade; alterações metabólicas e endócrinas; e quadros hipertensivos. Logo, tais alterações podem impactar no processo saúde-doença dos feirantes à medida que desencadeiam/potencializam morbidades, refletindo assim em sua QV<sup>18</sup>.

Os feirantes expressaram, a um só tempo, satisfação e insatisfação com o trabalho. Satisfação justificada pela sensação de independência que a atividade lhes proporciona, pois tem autonomia para definir seus próprios horários e são os proprietários da barraca ou box. Assim, acreditam que o trabalho realizado se encontra de acordo com suas conveniências. Essa busca está diretamente atrelada à perspectiva de uma melhor QV à medida que adéquam a atividade laboral ao cotidiano, às suas necessidades e anseios, ao estilo de vida e bem-estar e elevam sua autoestima.

A satisfação também se encontra relacionada ao prazer proporcionado pela atividade como feirante, intimamente ligada às relações interpessoais estabelecidas no ambiente da feira livre. Esta, por sua vez, ultrapassa a ideia de um local onde se visa a obtenção de recursos econômicos, constituindo-se como um espaço de entretenimento, de relações afetivas e sociais, propiciando ao “ser feirante”, a construção da sua identidade, o suprimento das necessidades básicas, auxílio aos seus familiares e ter esperança, além de proporcionar

prazer, sentimento de satisfação e bem-estar. A complexidade e amplitude de tal representação faz das feiras livres um fenômeno social, à medida que envolve diversos e diferentes atores<sup>19</sup> que, em equilíbrio entre os processos de competir e cooperar, interagem estabelecendo vínculos que perpassam a relação comercial e permitem a sobrevivência da feira livre<sup>17</sup>.

Em contrapartida, as condições de trabalho se configuram como as principais responsáveis pela insatisfação com o trabalho, visto que suprimem desses trabalhadores outras dimensões do seu ciclo vital, imprescindíveis para a sua autorrealização, e logo para sua QV e saúde. A satisfação com o trabalho influi fortemente no trabalhador, podendo repercutir em sua saúde, reduzindo chances de morbidade, QV e comportamento<sup>20</sup>. Enquanto a insatisfação pode refletir-se em ausência ao trabalho, queda de produtividade, aquisição de vícios, e um desequilíbrio em todas as dimensões da vida, e logo, no processo saúde-doença.

A associação estabelecida pelos feirantes entre as dimensões da QV e as condições de trabalho na feira livre, reforça a importância da avaliação da QV como importante medida de impacto na saúde, tendo em vista seu potencial de rastreamento e identificação das necessidades de saúde da população.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualidade de vida é um construto polissêmico, subjetivo, que varia conforme o indivíduo e coletividade, bem como com a história, cultura e espaço, constituindo a sua avaliação um excelente marcador da situação de saúde da população. Dentre essas dimensões, o trabalho merece destaque por, muitas vezes, ocupar posição central na vida das pessoas, sendo a satisfação com o mesmo parcela fundamental para a percepção positiva da sua QV. Este estudo buscou descrever os fatores relacionados ao trabalho que contribuem para a QV dos feirantes que atuam na feira livre da Cidade Nova em Feira de Santana - BA.

Os resultados sugerem que as condições de trabalho (ambiente, carga horária, satisfação com a renda) influem diretamente na QV e saúde dos feirantes que atuam na feira livre da Cidade Nova. Aliada a estas, encontra-se a falta de seguridade social, característica do trabalho informal, não investigada no estudo. Em contraponto, a configuração da feira livre como local de sociabilidade e lazer, suas interações e dinâmica favorecem positivamente a QV desses indivíduos, reforçando a importância das relações sociais na QV dos mesmos.

Fatores ambientais como as condições inadequadas de higiene e a poluição sonora contribuem de maneira significativa na QV dos feirantes, ao passo que podem levar a experiências de adoecimento. A falta de tempo para o lazer como consequência das cargas horárias de trabalho extensas é motivo de insatisfação para o feirante, o qual encontra espaço de divertimento na própria feira livre. Os baixos rendimentos são motivo de insatisfação, refletindo na qualidade e quantidade de sono e repouso, o que pode contribuir para desencadeamento

de morbidades. Paradoxalmente, a satisfação com o trabalho de feirante relaciona-se com a autonomia que tal atividade informal permite, servindo para mascarar seu caráter inseguro. As condições de trabalho influem fortemente na percepção de QV dos feirantes, configurando-se, algumas vezes, como fatores contribuintes no processo de adoecimento desses trabalhadores. Tal relevância, desperta para a necessidade de uma maior atenção voltada para as condições de trabalho desses indivíduos, no que tange aos aspectos estruturais, de gestão e da própria atividade laboral.

Torna-se de fundamental o aumento da atenção voltada para o grupo ocupacional em questão, especialmente no que diz respeito a suas condições de trabalho, através de políticas públicas que assegurem a esses indivíduos condições ambientais e estruturais mínimas de trabalho. Ressalta-se ainda, a necessidade de políticas públicas de saúde capazes de assegurar a cobertura adequada a esses indivíduos, enfocando as particularidades e a vulnerabilidade a que estão expostos.

Destaca-se a necessidade da realização de estudos, os quais poderão gerar dados capazes de subsidiar o rastreamento e identificação das necessidades de saúde desse grupo ocupacional, norteando o planejamento e a implementação de ações com vistas à promoção da saúde.

## REFERÊNCIAS

1. Antunes R. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo; 2005.
2. Ianni O. O mundo do trabalho. **São Paulo em Perspectiva** 1994; 8(1): 2-12.
3. Toni M. Visões sobre o trabalho em transformação. **Sociologias** 2003; 5(9): 246-86.
4. Antunes R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: Gentili P, Frigotto G. (org.) **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, Buenos Aires: CLACSO; 2001. p. 35-48.
5. Krein JD, Proni WM. **Economia informal: aspectos conceituais e teóricos**. 1 v., Série Trabalho Decente no Brasil. Brasília: Escritório da OIT no Brasil; 2010. p. 1-40.
6. Alves MA, Tavares MA. A dupla face da informalidade do trabalho “autonomia” ou “precarização”. In: Antunes R. (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo; 2006. p. 425-44.
7. Guimarães IB. Maturidade e experiência em atividades informais de baixa renda. **Caderno CRH** 2004; 17(42): 389-406.
8. Pirenne H. **Economic and Social History of Medieval Europe**. New York: A Harvest Book; 1936.
9. Coutinho EP, Neves HCN, Silva EMG. Feiras livres do brejo paraibano: crise e perspectivas. In: **Anais do 44º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**.

- Fortaleza: SBESR; 2006. p.1-12.
10. Carvalho JJ, Aguiar MGG. **Características sociodemográficas e do trabalho de feirantes em Feira de Santana-BA**. 2012, 31f. Relatório de Pesquisa PROBIC/UEFS. Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas sobre o Cuidar/Cuidado (NUPEC), Universidade Estadual de Feira de Santana.
  11. Vale PRLF do et al. Itinerários terapêuticos de feirantes diante das necessidades de saúde dos familiares. **Rev. baiana enferm.** 2015; 29(4): 372-81.
  12. Minayo MCS, Hartz ZMZA, Buss PM. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciênc. saúde coletiva** 2000; 5(1):7-18.
  13. Fleck MPA et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Rev. Bras. Psiquiatr.** 1999; 21(1): 19-28.
  14. The WHOQOL Group (1995) The World Health Organization Quality of Life assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. *Soc Sci Med* 1995; 41: 1403-409.
  15. Ferreira ES. et al. Análise socioambiental da feira livre do município de Bragança-PA. In: **Anais do 3º Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental**; 2012; 19-22; Goiânia, (BR). Goiânia: IBEAS; 2012. p. 1-6 .
  16. Godoy WI, Anjos FS. O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas – RS. **Rev. Bras. Agroecologia** Porto Alegre, 2007; 2(1): 1461-465.
  17. Carvalho JJ, Aguiar MGG, Mascarenhas MS, Santos KOB. Percepção de feirantes sobre sua qualidade de vida e seu estado de saúde segundo gênero em Feira de Santana - BA. In: Tânia Maria de Araújo; Edna Maria de Araújo. (org.). **Análise de problemas sociais e de saúde: contribuições no campo da saúde coletiva**. Feira de Santana: UEFS, 2016; p. 193-220.
  18. Sato L. **Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2012. 240 p. 18. Martins PJF, Mello MT, Tufik S. Exercício e sono. **Rev. Bras. Med. Esporte**, 2001; 7(1): 28-36.
  19. Souza, ES, Silva P. Perfil socioeducacional e identidade do feirante de Itabaiana-SE. **Psicologia em foco** 2009; 2(1): 66-78.
  20. Martinez MC, Paraguay AIBB. Satisfação e saúde no trabalho - aspectos conceituais e metodológicos. **Cad. Psicol. Soc. Trab.** 2003; 6: 59-78.
- 
- Endereço para correspondência*  
Jakeline de Jesus Carvalho  
Rua C, Caminho 7, nº 16, Feira IV.  
CEP: 44008-100, Feira de Santana – BA, Brasil.  
E-mail: jak.uefs@gmail.com